

# O Cristo que se vê.

## Análise de formas iconográficas seleccionadas do dealbar do Cristianismo

JORGE ARISTIDES CAMPOS DOURADO FERNANDES

### Introdução

Desde a pré-história o homem procurou traduzir em fonemas e pictogramas a realidade envolvente, pois como sabemos «instaura-se a humanidade quando se instaura a sociedade, mas instaura-se a sociedade quando há comércio de signos»<sup>1</sup>.

É neste comércio de signos, neste início do afastamento da simples percepção até atingir limiares de abstracção, que o homem vai começar a estruturar uma linguagem que lhe permita fazer-se entender e entender. Tal irá acontecer não só através da emissão de sons e ruídos foneticamente claros e precisos, mas também através de representações gráficas e icónicas, que demonstram toda a capacidade abstractiva e conceptual do ser humano, pois «sem abstracção não existe conceito, sem ela nem existe sequer signo»<sup>2</sup>. Dá-se o despontar da música, da língua, e da expressão plástica.

Ainda hoje o homem encontra nos sons, nos gestos e nas artes plásticas uma linguagem universal capaz de ultrapassar as condicionantes do tempo e da língua, capaz de ressuscitar a ordem primitiva desta Babel actual. Ainda hoje, quando se pretende expressar conceitos tão profundos para os quais o signo linguístico é estéril, quando a emoção tolda toda a capacidade semiótica e funcional, o homem rende-se ao poder do gesto, do signo plástico, e do grito.

---

1. Umberto Eco, *O Signo*, 97.

2. *Ibidem*.

Neste trabalho, que presume ter o máximo rigor científico e académico, pretendo estudar alguns exemplos da iconografia cristã primitiva que na sua globalidade foram enformando o rosto humano da Salvação — Jesus Cristo.

Se por um lado, dado o carácter didáctico e específico deste texto, vou ter de me sujeitar a apenas esboçar o tema que me propus tratar, isso não significará um tratamento leviano ou metodologicamente vão. Pelo contrário. Todas as afirmações, análises e conclusões que ao longo do trabalho irão aparecer serão devida e estruturalmente documentadas e concebidas, tendo por fim último a validação de um trabalho científico, sério e capaz<sup>3</sup>.

Contudo creio que todo o trabalho deve transmitir um pouco do universo em que vive e se movimenta o seu autor. Por isso o presente discurso terá por pilares não só a minha formação académica na área da comunicação, como também a lucidez do estudante de teologia e toda a carga emocional do crente. Pois, e no dizer do professor Carlos Calvet, eminente plasticista português:

«O observador já não está do lado de fora do objecto mas faz parte dele, influencia-o e é por ele influenciado. Os três mundos: matéria, vida, linguagem (corpo, alma, espírito...) são três instâncias de actualização do mesmo campo de consciência. De facto, tudo é linguagem e a única infra-estrutura é a Consciência Universal.»<sup>4</sup>

Pretendo que este se possa tornar um trabalho sério e honesto, útil, prático, e credível mas dotado de uma alma.

## 1. Rudimentos de Simbologia<sup>5</sup>

Quando falamos do signo icónico, de toda e qualquer representação gráfica feita por mão humana, estamos a falar da representação mais autêntica e palpável do que constitui no homem a realidade invisível dos seus conceitos. A imagem é a tentativa de exprimir de forma directa e concisa a ideia<sup>6</sup>.

---

3. Explica-se que o presente texto foi elaborado como trabalho académico, no âmbito da disciplina de Metodologia do Trabalho Científico. O Autor é aluno da Faculdade de Teologia-Braga (*N. do E.*)

4. Carlos Calvet, *Colóquio Artes*, 6.

5. Cf. Cláudio Pastro, *A Arte Sacra*, 56-58.

6. *Idem*, 22-25.

Desde sempre o homem teve necessidade de fazer e de elaborar para si símbolos, que retratassem objectos que lhe eram familiares, e assim perpetuar a sua memória.

É desta relação com o meio envolvente, nomeadamente com a mãe-Terra e com a fauna e flora circundantes, que o homem vai gerar e estabelecer os primeiros símbolos dotados de vitalidade intrínseca, pois, «é tarefa da arte dar linguagem ao canto da terra e ao grito dos homens»<sup>7</sup>.

Assim sendo, podemos considerar os princípios que a seguir se enunciam como progenitores de todas as formas simbólicas que, alguma vez, propuseram ou poderão propor «mundos possíveis carregados de afectos e de perceptos vivos, ainda não reais, mas que nem por isso deixam de existir como expressão»<sup>8</sup>:

- a) O Centro — este é o princípio de tudo, o ser gerador, ele é o elemento vital, o cerne, o coração e alma de toda a imagem e grafismo.
- b) O Círculo — derivando do centro e propagando-se em ondas concêntricas ele é o círculo fixo; traduz em si a máxima perfeição, não se encontrando nele princípio nem fim; ele é o eterno retorno; ele é o sol do oriente e a lua nova; é Cristo, centro omnipresente de perfeição e intangibilidade em conceitos humanos; ele é o eterno.
- c) Os Círculos Concêntricos — perfeitas representações da hierarquia e da hierofania, são os demais círculos que propagam o círculo inicial até ao infinito; são elementos que irradiam do divino e que, se em tríade, são Trindade — três círculos iguais e distintos.
- d) A Espiral — é por excelência o símbolo gráfico da vitalidade do movimento; deriva dos círculos concêntricos e dá-lhes todo o seu significado; é o signo da turbulência e do sonho.
- e) O Encontro — embora não seja um signo isolado é o encontro de dois signos, sendo o protótipo do diálogo — quando em encontro, um signo chama e outro responde; é no encontro que surgem novas formas de significação.

---

7. João Norton de Matos, *A arte e o Espírito em Deleuze e Guattari*, 84.

8. *Ibidem*.

- f) Cruz —enquanto signo primitivo a cruz é fruto do encontro de círculos, sendo o lugar onde os dois elementos se interceptam, dando origem a um novo ponto, a um eixo coordenador do vertical e do horizontal; é o mais significativo e elementar sinal do homem. Já antes de Cristo os homens assinavam em cruz.
- g) O Círculo Novo —a partir do eixo da cruz circunscreve-se um círculo novo, uma nova perfeição, harmonia e unidade; é a lua nova traçada a partir do compasso da existência; é uma nova base de sustentação, novo centro, novo círculo.
- h) O Quadrado —surge como elemento coordenador do caos universal; ele faz a concordância entre o elemento celeste (o Círculo) e o elemento terrestre (a Quadratura do Círculo); dentro de si pode-se sempre inscrever um círculo, e dentro do círculo uma cruz, e dentro da cruz um ponto, e dentro do ponto um centro; ele é pois a materialização de todo o espaço.
- i) A Estrela Polar —é um novo ponto estrategicamente colocado para guiar a saída do espaço plano; só ela permite o movimento e a terceira dimensão; o plano só pode sair dos seus próprios limites e evoluir para sólido se, e quando, orientado por um ponto externo; é o princípio do volume, do triângulo e do vértice.

Todas estas formas iniciais definem-se e repousam ilativamente nas palavras de Deleuze e Guattari: «A arte quer criar finito que restitua o infinito, traça um plano de composição, que apresenta movimentos e sensações compostas sobre a acção de figuras estéticas»<sup>9</sup>.

## 2. A Arte Cristã, Comunicação de Fé

É característica do homem actual o postular teses e antíteses tão paradoxais que o levam a cair em extermismos epistemológicos tão herméticos, que dificilmente se conseguirão unir em harmónica síntese. Quando se trata do simbólico, este fosso aumenta. Assim, posicionam-se antipodamente aqueles para quem o símbolo representa a fossilização de um passado, e aqueles para quem o signo é a chave para uma leitura do conhecimento espiritual<sup>10</sup>.

---

9. G. Deleuze e F. Guattari, *O que é a filosofia?*, 167.

10. Cf. Hans Biederman, *Dicionário Ilustrado de Símbolos*, 5.

No meu entender o homem manifesta-se tanto no discurso exacto, rigoroso e controlado, tão ao gosto de um cientismo actual, como na linguagem simbólica que preside à arte e à religião. Tal facto é, apenas, uma aparente incompatibilidade linguística, pois os dois tipos de discurso podem sair do mesmo homem. Dividir rigidamente, compartimentar inflexivelmente o homem em racional e emocional, é destruir o mais profundo do seu 'Ser'. É desrespeitar a própria génese ontológica do homem, tão bem retratada pelo Criador no Antigo e Novo Testamento<sup>11</sup>. O homem é pessoa — «unidad esencial humana de cuerpo y espíritu como ser individual autónomo que se realiza en la posesión consciente y en la libre disposición de sí mismo»<sup>12</sup>.

Tal como já anteriormente referi, as palavras, por vezes, não bastam para exprimir a riqueza dos nossos sentimentos. Torna-se, assim, necessário recorrer a gestos, a sinais, a signos corporais ou estéticos para veicular a nossa mensagem.

Quanto à arte, em especial a arte-sacra, ela resulta da tentativa de interpretar e explorar as dimensões simbólicas da vida, aprofundando-as e fazendo-as vibrar. Aliás, toda a tradição religiosa recorre a este tipo de comunicação, pois a dimensão simbólica da linguagem é sumamente respeitadora da diferença e da distância. É a arte-sacra que traduz a mais teologal das relações com Deus, já que impede o homem de estabelecer com Aquele a quem se dirige um acto de posse<sup>13</sup>.

A linguagem do simbólico aparece-nos assim como o supremo acto da adoração humana, acto este que se traduz no reconhecimento humano de que no diálogo com o divino há que respeitar a inefabilidade de d'Aquele que É. Temos que nos libertar da prisão lógica do conceito e transportar-nos para a verdadeira dimensão do divino — a incomensurável riqueza do silêncio e da contemplação.

### 3. Análise de alguns exemplos da iconografia cristã primitiva

Comparada com a majestosa, bem proporcionada e esteta arte escultural romana, a arte cristã primitiva é singularmente pobre. Praticamente estas obras reduzem-se a pequenas figuras em relevo, geralmente apostas

---

11. Cf. Carlo Maria Martini, *Effatá*, 87.

12. Emerich Coreth, *Qué Es el Hombre?*, 211.

13. Cf. Carlo Maria Martini, *o.c.*, 88-90.

a sarcófagos ou em catacumbas<sup>14</sup>. A este propósito permito-me citar a seguinte descrição feita por Daniel-Rops sobre as catacumbas:

«A imensidade destes cemitérios, a disposição de certas salas subterrâneas mais vastas e os símbolos sobre as paredes sugerem a ideia de que eles tenham sido não só lugares onde os vivos depositam os mortos, mas também verdadeiros lugares de culto. (...) Horas e horas podemos observar estes compridos nichos cavados no flanco das paredes, esses *loculi*, cada um dos quais abrigou um corpo que esperava a Ressurreição. Aproximando uma lâmpada da parede ou da abóbada, distinguimos figuras estranhas que as nossas recordações bíblicas identificam: Moisés batendo no rochedo, Daniel na cova dos leões, Jonas escapando das entranhas do monstro ou o Bom Pastor entre cordeiros. Depois que os olhos se costumam, surge então uma delicada magia, um entrelaçamento de folhagens e pássaros, que os tons esbatidos do fresco matizam com as mais finas cores. E, acima de tudo, o que a consciência cristã descobre na penumbra e na lembrança, são todos esses nomes, desconhecidos ou célebres, a maior parte das vezes mal gravados sobre um pedaço de argila ou numa pedra estucada, esses nomes de irmãos longínquos que despertam a nossa fidelidade e que estão acompanhados, como se fosse um refrão, das suas palavras de esperança: *in pace*.»<sup>15</sup>

Depois de saboreado este pequeno texto, após o nosso olhar ter descoberto a ínfima trama de gravuras que circundavam este espaço de oração e de encontro dos cristãos primitivos, resta-nos atentar nas figuras, nos signos icônicos, nas representações simbólicas que ele nos apresenta e tecer algumas considerações sobre a pertinência da sua presença naquele local.

O texto fala-nos de uma gravura de Moisés batendo no rochedo, clara alusão à travessia do deserto feita pelo povo israelita no seu êxodo do Egito (Nm 20,1-11). Ora atentemos no seguinte: Moisés é o libertador, o escolhido pelo Senhor Deus Javé para libertar o Seu povo da escravidão, transporta consigo uma vara (Ex 14,15), símbolo do poder e da ligação com o divino (Nm 17,16-26), com ela flagela o Egito com pragas, com ela abre o Mar Vermelho (Ex 14,15-31) para que os hebreus possam escapar à ira do Faraó, com ela bate no rochedo e dele sai água que sacia o povo (Ex 17,1-7). Tentando interpretar toda esta panóplia de signos

14. Cf. André Comhaire (dir.), *Les arts des Etrusques à la fin du Moyen Age*, 90-92.

15. Daniel-Rops, *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, 239-240.

icônicos, podemos afirmar que o rochedo é uma prefiguração simbólica de Cristo, que sacia toda a sede; também Pedro, que era Simão, será o rochedo onde assenta a Igreja (Mt 16,18). Já quanto à água, ela é o fluxo primordial, a fonte de toda a forma de vida; na iconografia cristã ocupa a função de elemento purificador, que no baptismo limpa toda a mácula; mas é também representação de Senhor, «a água viva» por que todos anseiam (Jo 4,1-30); é símbolo também da imortalidade e da fé como fonte da vida no paraíso e na Nova Jerusalém (Ap 22,1-5)<sup>16</sup>.

Outro ícone referido pelo texto é Daniel na cova dos leões (Dn 6,2-25). Daniel é um feliz exemplo de fé e de confiança no Senhor Javé. Injustamente acusado pelos Sátrapas ao rei Dario, soberano dos Medos e dos Persas, é condenado, por iníqua sentença, a ser lançado numa cova repleta de leões esfomeados. Contudo, o Senhor está com ele e permite que saia ileso dessa provação. Acredito que para os cristãos esta cena bíblica deveria representar alento, em tempo de perseguições, e ser ímpar exemplo de fé e constância.

Já a figura de Jonas e do grande peixe deve estar relacionada com a ideia de 'premonição' da ressurreição de Jesus, pois em Mt 12,40 é referido que «como Jonas esteve no ventre do monstro marinho três dias e três noites, assim ficará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra»<sup>17</sup>.

Finalmente o Bom-Pastor está intimamente relacionado com a figura do Cordeiro. O Bom-Pastor é a imagem do Pastor divino que guia o rebanho do seu povo, de Jesus que busca as ovelhas perdidas da casa de Israel; d'Aquele que conhece as suas ovelhas e as chama pelos seus nomes (Jo 10,1-21). Quanto ao cordeiro ele é o 'Agnus Dei', o cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo (Jo 1,29), é também o cordeiro triunfante de que fala o Apocalipse de S. João (Ap 14,1)<sup>18</sup>.

Por fim o texto refere-nos um entrelaçado de pássaros e folhas que remontam à tradição romana, onde simbolizavam não só a mediação da vontade divina e a superação dos instintos inferiores através da espiritualidade, mas também a força que inspira os homens a discursar sabiamente. Por outro lado, e numa perspectiva cristã, são a imagem sensível da alma que no corpo é elevada através do pensamento e se propaga por toda a parte<sup>19</sup>.

16. Cf. Hans Biedermann, *Dicionário Ilustrado de Símbolos*, 15; Cláudio Pastro, *A Arte Sacra*, 73 e 83.

17. Cf. Hans Biedermann. *o.c.*, 50.

18. Cf. *Idem*, 107 e 286-287; Cláudio Pastro, *A Arte Sacra*, 82.

19. Cf. Hans Biedermann, *o.c.*, 284-285.

Embora este texto não nos refira mais nenhuma imagem, ou ícone, gostaria de abordar mais dois que pela suas características cristológicas e messiânicas penso serem preponderantes para este trabalho. São eles, o peixe ou 'ichthys' e a Cruz.

Quanto ao peixe, ele é um vocábulo acróstico tornado sinal secreto pelos cristãos. Peixe, em Grego diz-se «ichthys»; ora, decompondo estas palavras por iniciais obteremos a seguinte frase: «**I**eosou̅s **C**hristòs **T**heou̅ **H**yiòs **S**oter», que significa: Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador. Este, a par do sinal da cruz, tornou-se um sinal simples de ser desenhado e entendido, muito útil para o reconhecimento de irmãos na fé, em tempos conturbados como eram os que marcaram o início do cristianismo. Por outro lado, o Peixe é também sinal do baptismo (pia ou piscina baptismal, significa literalmente 'viveiro de peixes') e ainda comparação dos apóstolos à invocação 'pescadores de homens'<sup>20</sup>.

Quanto à Cruz, ela é «escândalo para os judeus e loucura para os gentios» (I Cor 1,17-25). Sem nos retermos na dimensão universal da Cruz, como união de sistemas dualísticos, como esforço de orientação no espaço, ou como sinal de significação cosmológica, podemos inferir que no plano do cristianismo ela remonta ao instrumento de tortura usado para a execução de Jesus de Nazaré, o Cristo. Contudo, este instrumento de crueldade excessiva torna-se, mais tarde e graças à Ressurreição, em sinal e símbolo de vitória. Em verdade, a Cruz foi relutantemente aceite como símbolo de vida eterna; a ideia de morte ignominiosa, associada a este instrumento penal, era demasiado severa para os cristãos primitivos; assim sendo a cruz mais antiga só data de 134 d.C.. Para os não cristãos esta ideia de se venerar tal instrumento era loucura, e por isso foi muitas vezes satirizada. Compreende-se assim a relutância dos cristãos em assumirem este símbolo para seu sinal de vitória. A forma de âncora foi dada muitas vezes como 'sinónimo' de Cruz, pois nela existe, de facto, uma Cruz dissimulada<sup>21</sup>.

Em meu juízo, creio serem estes os principais símbolos que enformam o início do cristianismo e que realizam, para os cristãos, o que verdadeiramente significam; pois, como nos diz a Escritura: quem tem ouvidos, ouça...<sup>22</sup>

---

20. Cf. *Idem*, 294-295.

21. Cf. *Idem*, 117-119.

22. Cf. Ap 2,11; 2,17; 2,29; 3,6; 3,13; 3,22.

## Conclusão

Ao terminar este trabalho quero redefinir as suas linhas de orientação, pautando-as já não por um ideal, mas pela realidade efectivamente conseguida.

Pretendi com este trabalho denunciar a importância do signo icónico para o elaborar de uma evangelização verdadeira e actual. Tentei introduzir novas significações linguísticas para 'antigos' princípios simbólicos, tendo por meta uma análise do plasticismo humano. Quis exemplificar esta realidade com a análise sumária e objectiva de algumas formas da iconografia do dealbar do cristianismo.

Fi-lo, porque acredito que a verdadeira evangelização da Igreja, que o verdadeiro rosto humano de Jesus Cristo, passa pelo redescobrir da mais antiga forma de comunicação humana: o gesto (e a imagem como o resultado óbvio desse gesto). Gesto este, que não apenas o contido em novas formas de arte-sacra ou de arquitectura. Gesto, que passe pelo abraçar da nova realidade do ser 'objecto' e do ser 'sujeito'. Gesto que permita ao homem ser mais solidário e irmão.

Termino este trabalho, sucinto e por isso imperfeito, limitado e por isso crítico, humano e por isso real, citando uma frase de Jean Baudrillard que sintetiza magistralmente tudo quanto alguma vez possa ser dito sobre o objecto, sobre o signo icónico:

«O 'objecto' dado, empírico, na sua contingência de forma, de cor, de material, de função e de discurso, ou, se é cultural, na sua finalidade estética, esse objecto é um *mito*. Esconde-te, disseram-lhe. Mas o objecto não é *nada*. Não é nada mais do que os diferentes tipos de relações e de significações que vêm convergir, contradizer-se, ligar-se sobre ele enquanto tal. Não é nada mais que a lógica escondida que ordena este feixe de relações ao mesmo tempo que o discurso manifesto o oculta.»<sup>23</sup>

---

23. Jean Baudrillard, *Para uma Crítica da Economia Política do Signo*, 59.

*Bibliografia*

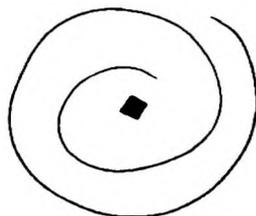
- BAUBRILLARD, Jean, *Para uma Crítica da Economia Política do Signo*, trad. Aníbal Alves, Edições 70, Lisboa, 1981.
- BIEDERMANN, Hans, *Dicionário Ilustrado de Símbolos*, trad. Glória Paschoal de Camargo, Companhia Melhoramentos, S. Paulo, 1993.
- CALVET, Carlos, *Apontamentos Sobre Geometria Sagrada III — sob o signo do cinco e do seis*, «Colóquio Artes», 67, 2.ª série, 27.º ano, 1985, 5-9.
- COMHAIRE, André (dir.), *Les Arts des Etrusques à la Fin du Moyen Age*, trad. Héry Fastré-Kok, Marabout Universitaire, Verviers (Belgique), 1965.
- CORETH, Emerich, *Qué es el hombre? — esquema de una antropología filosófica*, 5.ª ed., Editorial Herder, Barcelona, 1985.
- DANIEL-ROOPS, *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*, trad. Prof. Eduardo Pinheiro, 2.ª ed., Livraria Tavares Martins, Porto, 1960.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F., *O que é a Filosofia?*, 1.ª ed., Editorial Presença, Lisboa, 1992.
- ECO, Humberto, *O Signo*, 3.ª ed., trad. Maria de Fátima Marinho, Editorial Presença, Lisboa, 1973.
- MARTINI, Carlo Maria, *Effatá «Abre-te»*, trad. Armindo Duarte, Edições Paulistas, Lisboa 1992.
- NORTON DE MATOS, João, *A Arte e o Espírito em Deleuze e Guattari*, «Brotéria», 138, 1994, 81-85.
- PASTRO, Cláudio, *Arte-Sacra — O Espaço Sagrado Hoje*, Edições Loyola, S. Paulo, 1993.

Anexo 1

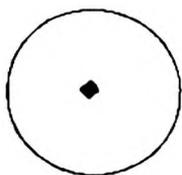
Descrição de Princípios Simbólicos



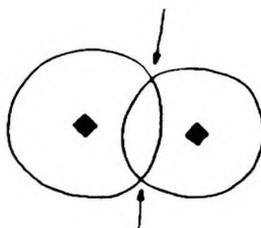
O Centro



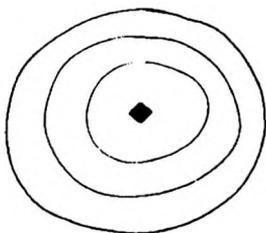
A Espiral



O círculo



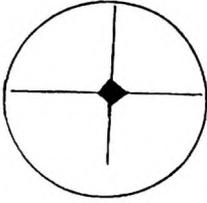
O Encontro



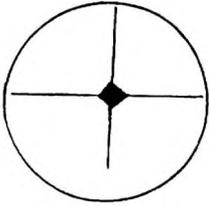
Os círculos concêntricos



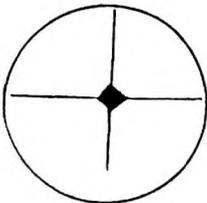
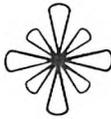
A Cruz



O Círculo Novo



O Quadrado



A Estrela Polar

Anexo 2

Ícones e Gravuras Primitivas



Água: Divindade com vaso transbordante. Sinete do rei sumério Gudéia, terceiro milénio a.C.



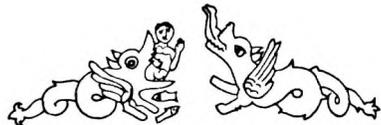
Água: Baptismo por Imersão. «Legenda Aurea», Esslingen, 1481



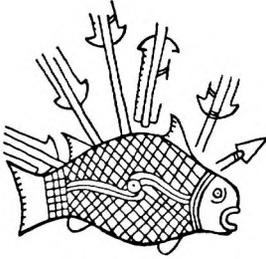
Água: O Deus dos Mares, Neptuno e sua esposa Anfítrite. V. Cartari, 1647



Água: Deus da chuva ou da água. Irã, cerca de 2500 a.C.



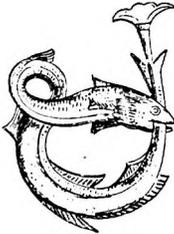
Baleia: O Profeta Jonas, engolido e cuspidos pela Baleia. Catedral de Rovello, século XII



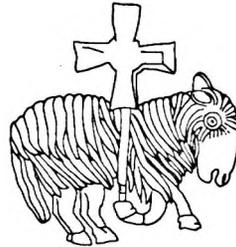
Peixe atingido por flechas. Gravação feita em concha da civilização Spiro-Mound, Oklaoma, EUA



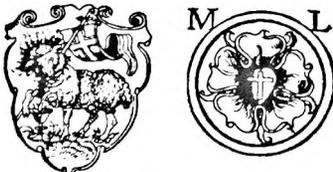
«Agnus Dei» com auréola e cruz, símbolo da morte sacrificial de Cristo



Peixe em forma de urubo. A letra D inicial no «Missale Gelonense» da Bibliothèque Nationale, Paris. Finais do século VIII



Cordeiro de Deus, inscrição numa chave da abadia de Cluny, século XII



Das selben sy sage / Das selbe buch durch  
meine hand gangen sind / Das falsche buch  
vno buch ruderben / riefen sich sy zu

gedruckt zu Wittenberg.

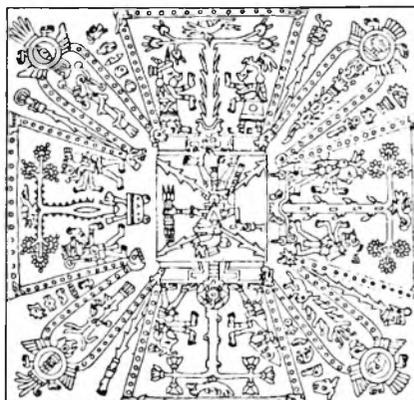
Cordeiro com bandeira da cruz e rosa com a cruz, símbolo editorial de Martinho Lutero



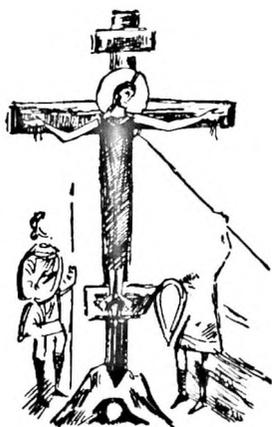
Estatueta em forma de cruz, feita em pedra, com 6 cm de altura. Lemba-Lakous, Chipre, cerca de 2500 a.C.



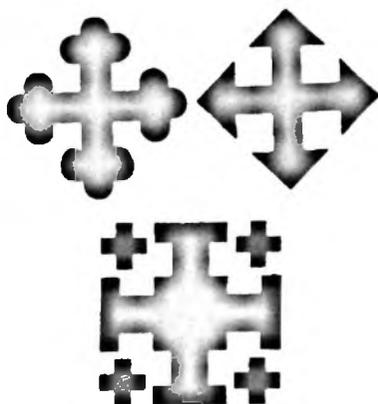
Cruzifixo satírico de um não cristão, grafito do sec.II. Pode ler-se: «Alexemenos venera o seu Deus»; um asno crucificado.



Cosmograma estruturada em forma de cruz no «Codex Fejérváry-Mayer» do antigo México



Cruz de Cristo num livro de salmos bizantino no Museu Britânico, do ano de 1066.



Cruzes heráldicas: trifólio, em flechas e a cruz de Jerusalém